

# MARCAÇÕES ESPACIAIS COMO LEGADOS PATRIMONIAIS E POLÍTICAS PÚBLICAS CULTURAIS DE MUSEALIZAÇÃO NA CIDADE DE SOBRAL – CEARÁ – BRASIL

*Raimundo Freitas Aragão*

Professor doutor em Geografia pela Universidade Federal do Ceará - UFC.  
[ararageo2007@yahoo.com.br](mailto:ararageo2007@yahoo.com.br)

*Marcos da Silva Rocha*

Professor mestre em Geografia pela Universidade Federal do Ceará – UFC  
[marcoss.rocha@hotmail.com](mailto:marcoss.rocha@hotmail.com)

**RESUMO:** Apoiando-se em exemplos de operações de políticas públicas culturais, o artigo reflete sobre as estratégias de como e para que se inventam marcações culturais como legados patrimoniais. Mostra como intervenções urbanas em Sobral, amparando-se no discurso da erudição do simbolismo cultural da cidade e dos gestores municipais, contribuem no sentido de se territorializarem novas marcações como imagens das administrações e, ao mesmo tempo, apresentando-as como signos envoltos a valores universais e da cultura tradicional local. Neste artigo, são exploradas as seguintes intervenções culturais: o “Complexo Museu do Eclipse”, inaugurado em 1999, e o “Museu Madi”, inaugurado no ano de 2005. Todo o imaginário assentado no eruditismo cultural destas intervenções urbanas está ligado à imagem de seus gestores, homens brancos, letrados, considerados de cultura refinada e diversificada, enraizada na política local. Engenheiros e advogados, por exemplo, formam uma tradição na composição histórica de gestores públicos da cidade no período correspondente a este estudo.

**Palavras-chave:** Marcações espaciais; Cidade de Sobral; Museus; Políticas públicas.

## SPACE MARKINGS AS HERITAGE LEGACIES AND PUBLIC POLICIES ON CULTURE MUSEALISATION IN THE CITY OF SOBRAL – CEARA - BRAZIL

**ABSTRACT:** Supporting at cultural public operations examples, the article reflects on strategies for how and for which patrimonial cultural markings as heritage legacies are invented. It shows how urban interventions in the city os Sobral, based on the speech of the erudition of the cultural symbolism of the city and the municipal managers, contributes in territorializing new markings as

their administrators' images and, at the same time, presenting them as signs wrapped around universal values and of traditional local culture. In this article, the following cultural interventions are explored: the "Complexo Museu do Eclipse", inaugurated in 1999, and the "Museu Madi", inaugurated in 2005. All the imaginary based on the cultural erudition of these urban interventions is linked to the image of its managers, white and literate men considered to be cultured and diversified, rooted in local politics. Engineers and lawyers, for example, form a tradition in the historical composition of public managers of the city in the period corresponding to this study.

**Key-words:** Spatial markings; City of Sobral; Museums; Public policies.

## 1 INTRODUÇÃO

Sobral é uma cidade cearense de médio porte marcada no imaginário estadual pela simbologia da erudição cultural. Como simbologia da erudição cultural é entendida a cidade que, ao longo de sua história, aponta uma forte presença de homens nela nascidos os quais exerceram papéis de destaque em diferentes ciências e artes como música e literatura, cujo jogo político, a partir da década de 1990, vem dessa simbologia se apropriando estrategicamente. Foi logo no final da década de 1990 e se estendendo aos dias atuais que os gestores municipais começaram a investir fortemente em políticas públicas patrimoniais culturais urbanas. Um dos pontos fortes e significativos destas políticas públicas culturais foi a ideia de tombamento do centro histórico o qual, em agosto de 1999, ganhou status oficial de patrimônio nacional pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN.

Pode-se considerar o ano de 1996 quando, institucionalmente, foram tomadas decisões para a organização do plano de tombamento do centro antigo, o ano de ruptura para novas decisões no contexto das políticas culturais. Ocorreu o que se pode chamar nova fase de ouro da cultura para a cidade. Este ponto de ruptura pode ser observado na declaração do então secretário de cultura José Clodoveu de Arruda Coelho Neto (PT), – o qual, posteriormente, assumiu a prefeitura em duas legislaturas (2011-2012/2013/2016) – ao afirmar que as administrações que o antecederam mantinham uma “inércia administrativa” (COELHO NETO, 2000) com o trato cultural e patrimonial e que a administração da qual fazia parte, a “Sobral no Rumo Certo” era o caminho a ser trilhado, pois foi a partir dela que a Secretaria de Cultura, Desporto e Mobilização

Social apresentou um novo Plano Cultural para deixar o município em estado saudável. Clodoveu Arruda, ou Veveu Arruda, como é mais conhecido, destaca, assim, o surgimento de uma nova perspectiva de gestão político-administrativa voltada para o embelezamento urbano através de obras de impacto visual onde a cultura seria um dos vetores principais, modelo de gestão que a diferencia das anteriores.

Desde então foram iniciadas intervenções que se transformaram em instrumentos privilegiados de gestão urbana no bojo de uma nova etapa de construção de simbologia cultural. Se o tombamento de centro histórico de Sobral foi um ambicioso programa de reconhecimento, de restauração, de conservação e valorização dos edifícios antigos, o que podemos classificar como impulsionador de uma nova realidade cultural, a partir de, e com ele, promoveu-se a invenção de novos patrimônios ou mobiliários urbanos através de políticas públicas destinadas a acompanhar o simbolismo iniciado com o centro histórico.

Todo o imaginário assentado no eruditismo cultural destas intervenções urbanas está ligado à imagem de seus gestores, homens brancos, letrados, considerados de cultura refinada e diversificada, enraizada na política local. Engenheiros e advogados, por exemplo, formam uma tradição na composição histórica de gestores públicos da cidade no período correspondente a este estudo<sup>1</sup>.

O que desejamos mostrar aqui é a maneira como marcações espaciais culturais urbanas na cidade de Sobral são inventadas em um determinado território por intermédio de ações de políticas públicas como legados patrimoniais que se distinguem, porém se complementam. São exploradas as seguintes intervenções que resultaram na produção de marcações culturais consideradas *sui generis*: o “Complexo Museu do Eclipse”, inaugurado em 1999, e o “Museu Madi”, inaugurado no ano de 2005.

A metodologia adotada é da pesquisa qualitativa assentada na utilização das técnicas de pesquisa de campo, registros fotográficos, utilização de obras literárias diversas como livros, artigos e afins. O conceito central de Marcação Espacial parte do roteiro referencial de

---

<sup>1</sup> Cid Ferreira Gomes (1997-2000/2001-2004) é engenheiro civil. Leônidas Cristino (2005-2008/2009-2010) é engenheiro civil. José Clodoveu de Arruda Coelho Neto (2011-2012/2013-2016) é advogado e professor. Ivo Ferreira Gomes (2017-2020) é advogado.

Veschambre (2008) e Boulot e Veschambre (2008), a Geografia associada à Sociolinguística Urbana.

O artigo está composto de quatro partes. A primeira é esta introdução. A segunda faz um roteiro sobre os conceitos de traço, marca e marcação em geografia para abrir-se à discussão reflexiva sobre os objetos de estudo, o que se realiza na terceira parte. A quarta parte são as considerações finais onde se faz um levantamento dos resultados da pesquisa.

## **2 DO TRAÇO À MARCA E À MARCAÇÃO ESPACIAIS: UM ROTEIRO EM GEOGRAFIA**

Joël Bonnemaïson (1992; 2002) já havia introduzido o conceito de “marca” ligado ao de geossímbolo em seus artigos “Viagem em torno do território” e “Territoire enchanté: croyances et territorialités en Mélanésie”. O geossímbolo está relacionado a um “[...] lugar, um relevo, um itinerário, uma rota, uma construção, um sítio que, por razões religiosas, culturais ou políticas, levam aos olhos dos grupos étnicos e sociais uma dimensão simbólica [...]” (BONNEMAISON, 1992, p. 76). O geossímbolo seria, então, uma “marca espacial”, um signo no espaço capaz de refletir e forjar uma identidade.

Vincent Veschambre (2004; 2008), Bulot & Veschambre (2008)<sup>2</sup> ampliam, no âmbito da epistemologia da Geografia, o conceito de marca associando-o ao de “traço” e “marcação”, os quais estão em consonância. Os traços são vestígios, índices, marcas do passado e remetem ao campo da história e da memória utilizadas no devolver ao presente àquilo que já foi. Portanto, os traços são formas pretéritas, aquilo que muda no movimento e desaparece no tempo. Os traços podem ficar anônimos como no caso de uma determinada arquitetura: uma habitação ou um monumento em desuso ou abandonados, por exemplo. Os traços estão ligados ao contexto patrimonial através da sua reativação ou revitalização, evitando seu desaparecimento completo. Os traços não são forçosamente intencionais, eles são neutros e aparecem como simples “dados” na paisagem. Deixaram de ser uma assinatura e nem mesmo são identificados como tal; afinal como

---

<sup>2</sup> Neste artigo, o conceito de “marcação” é trabalhado interdisciplinarmente entre a Sociolinguística Urbana (Thierry Bulot) e a Geografia Social (Vincent Veschambre).

aponta Besse (2014): “a paisagem é, antes de tudo, um espaço submetido a uma vontade de controle, visual e estratégico” (p. 107). Eles têm seu lugar determinado no espaço, porém não exercem força a não ser a partir do momento em que são percebidos como passíveis de serem manipulados.

Já as marcas, são a evolução dos traços, inscrevem-se no presente, no aqui e agora, refletem uma ação contemporânea intencional. As marcas fixam e estabilizam. Se elas representam a materialidade do que é visível, neste caso, elas funcionam como assinaturas dos atores sociais, uma pessoa, um grupo ou uma instituição, em determinado lugar no tempo atual com a intencionalidade de se tornarem manifestas, ou melhor, a de constituir um suporte, um atributo de identificação individual ou coletivo. As marcas servem para selar uma expressão de poder no espaço e de torná-lo evidente, de carimbar sua afirmação, mesmo que não tenha a durabilidade pretendida. Por fim, “[...] a *marca* é por definição a assinatura de um ator social, o que ela representa em sua ausência” (VESCHAMBRE, 2008, p. 11, grifo nosso).

Traços e marcas são uma conjunção comum nos tempos atuais quando se trata principalmente da patrimonialização institucional, ou seja, os traços do passado deixados ao abandono ou esquecidos são manipulados, levados a se transformarem em marcas e finalmente se configurarem como marcação. Ambos são suportes materiais e simbólicos de apropriação do espaço, passíveis de serem reivindicados ou, de forma contrária, de serem contestados. O Quadro1 registra de forma sucinta as diferenças entre traço e marca no contexto espacial.

	<b>TRAÇO</b>	<b>MARCA</b>
<b>Temporalidade</b>	Encarna o passado	Faz referência ao presente
<b>Intencionalidade</b>	Não intencional	Intencional
<b>Significado</b>	Anônimo. Remete a uma atividade, a um evento.	Remete a um ator
<b>Sinônimos</b>	Impressão, vestígio, índice.	Assinatura
<b>Ações possíveis</b>	Identificação, reinvestimento, valorização/desaparecimento.	Manutenção/degradação, destruição.

**Quadro 1: Diferenças entre traço e marca.**  
**Fonte: Original de Veschambre (2008).**

Um dos pontos centrais da reflexão de Veschambre (2004; 2008) sobre estes conceitos é a sua aplicação na questão patrimonial. A patrimonialização, para ele, não está relacionada à produção de marcas, ou seja, na produção arquitetural em si; ele investe suas pesquisas em saber como ocorrem as intervenções em objetos já existentes e dedica-se aos materiais. Há, neste sentido, dois importantes tipos de processos por ele estudados. O primeiro é a revitalização para a patrimonialização dos traços no espaço urbano. O segundo é a “demolição” ou “enfraquecimento” destes traços. Entende-se, desta forma, que patrimonializar é reinvestir na figura do traço finalizado em marca, o que desemboca no processo de marcação.

Ao se patrimonializar, obrigatoriamente se volta ao passado, condição da temporalidade do traço. Este traço obviamente tem significado de “antiguidade no lugar”, sendo assim, a patrimonialização seria reinvestimento do traço transformado em marca, agora inscrito no presente, sua condição primordial e, dessa forma, propiciando uma reapropriação do espaço na atualidade. Então, apropriar-se do patrimônio é ao mesmo tempo apropriar-se do espaço através do jogo de reinvestimento do traço transpondo-o à condição de marca, construindo aí uma

marcação identitária. Se a apropriação do espaço passa pela elaboração de símbolos, a patrimonialização seria a transformação desses símbolos estagnados em marcação.

Os discursos ideológicos, cujo argumento afirma ser necessário demolir traços de uma determinada sociedade ou grupo no sentido de realizar ali procedimentos de requalificação urbana e trazer melhorias nos diferentes aspectos, são para ele apagar os traços sem deixar nenhuma possibilidade para que esta sociedade ou grupo social possa, no traço, investir. É privá-los da capacidade de transformar o “traço” em “marca” e de apropriarem-se do espaço para ali construir outra assinatura, outra identidade.

Portanto, a marcação é a consolidação definitiva de uma identidade, uma assinatura no espaço, ela é ao mesmo tempo individual e coletiva, simbólica e material, é a “[...] materialização de uma apropriação do espaço ou vetor de legitimação de uma apropriação do espaço” (VESCHAMBRE, 2004, p. 73). A marcação é então um dado essencial de apropriação espacial (BULOT & VESCHAMBRES, 2008), mesmo porque não poderia haver apropriação sem a marcação do espaço e, assim, toda apropriação consolidada significa uma marcação. A marcação está associada diretamente à questão da visibilidade, da existência social dos grupos no sentido da construção de uma identidade através de signos de reconhecimento, que a legitima e a afirma no espaço. Um dado relevante é a relação entre marcação e a questão do poder. Dessa maneira, a marcação expressa uma presença forte no espaço sem ter que reafirmar uma permanência pela força. Uma marcação afirma, no mínimo, um direito de presença.

Reforçamos o entendimento de que todo patrimônio construído no presente nasce como marca e, quando consolidado no espaço, torna-se uma marcação. Assim, uma marcação espacial já consolidada tem a capacidade de evoluir para sua ampliação ou para a sua estagnação, transformar-se em traço e retornar ao seu status original, uma marcação renovada. Os dois exemplos explorados nesta pesquisa apresentam estas características. O primeiro, o “Museu do Eclipse” nasce marca e consolida-se como marcação, ou seja, concretiza-se como uma assinatura espacial com capacidade de expandir-se no tempo e no espaço urbano, esta é sua condição atual. O segundo, o “Museu Madi” também já nasce como uma marca espacial, entra em colapso e transforma-se em traço para, posteriormente, ser recuperado como marca renovada no sentido de solidificar-se como assinatura espacial.

As marcações espaciais patrimoniais ora estudadas e que têm como referência conceitual Bulot e Veschambre (2008) indicam que as situamos no domínio da linguagem, do simbólico e do ideal, chamando a atenção de que estas marcações são sempre uma ação material realizada através de sua construção. No domínio da geografia elas estão relacionadas às “marcações semióticas”, as quais fornecem oportunidade de serem compreendidas como registros dos que as promovem e as posicionam no espaço.

Podemos então falar de “marcas sociolinguísticas” e de “marcas semióticas” nessa abordagem visando apreender as linguagens no espaço e para o espaço como linguagem, estas marcas considerando um registro ao mesmo tempo ideal e um registro material. Para resumir esta dupla natureza, ao mesmo tempo simbólica e material, da marcação do espaço, poderemos falar de transformação da configuração material do espaço, mais ou menos durável, para fins significantes, simbólicos, para saber manifestar a apropriação de um espaço, ou pelo menos a reivindicação de uma tal apropriação. E para além da apropriação do espaço, o que se joga no processo de marcação, **é a visibilidade, a existência e o posicionamento social dos indivíduos e dos grupos.** (BULOT; VESCHAMBRE, 2008, p. 14, grifo nosso).

Percebemos, desta forma, que é fundamental voltar atenções à dimensão das intencionalidades de indivíduos e grupos sociais que intentam criar legados patrimoniais e recuperar traços para transformá-los em marcas através das mais variadas estratégias. O espaço é então ressignificado, renovado e capturado através da manipulação, estímulos cujo propósito é a subjugação socioespacial, simbólica e cultural. Os exemplos a seguir, objetos de nossa pesquisa, ilustram bem esta dimensão.

### **3 AS DUAS OPERAÇÕES DE POLÍTICAS CULTURAIS URBANAS EM SOBRAL: A INVENÇÃO DAS MARCAÇÕES COMPLEXO MUSEU DO ECLIPSE E MUSEU MADI**

No jogo das relações existentes entre o poder público e a sociedade, apresentaremos os dois exemplos de elaboração de marcações patrimoniais culturais nos períodos que correspondem ao final da década de 1990 até os dias atuais: estas marcações desejam levar à sociedade a imagem de uma erudição da cultura global ajustada à sociedade local. São as novas marcações patrimoniais culturais como símbolos irrefutáveis e regalistas. A primeira quer mostrar um fato

científico assentada em episódio histórico único em nível internacional ocorrido na cidade no dia 29 de maio de 1919, ou seja, o Eclipse Solar e seus desdobramentos. Incute-se no imaginário social que tal acontecimento é uma tradição histórica que deve ser regularmente recuperada e reatualizada. A segunda assenta-se no abstracionismo das artes globais com a construção do Museu Madi, idealizado com o objetivo de constituir para a cidade e os grupos sociais uma marcação patrimonial cultural também transmissível, útil e única, ligá-lo à simbologia do eruditismo cultural e transformá-lo em tradição local.

A primeira operação de política pública cultural de transformação do espaço urbano e a construção de uma nova marcação espacial denominada aqui de Complexo Museu do Eclipse (Figura 1) ocorreram na primeira administração do prefeito Cid Ferreira Gomes (1997-2000) no mesmo ano de tombamento do Centro Antigo em nível nacional. O Museu do Eclipse, em sua essência, trata-se de uma obra inovadora no espaço urbano. Porém, como ideia, ele é reflexo da política estadual de modernização do Estado iniciada pela capital, Fortaleza. O tombamento do Centro Histórico de Sobral foi o primeiro passo dessa gestão rumo ao interesse cultural de implantação de novos patrimônios.



**Figura 1: Complexo Museu do Eclipse de Sobral na praça do Patrocínio em 2018.**

**Fonte: Foto de Luiz Queiroz a partir do Jornal Diário do Nordeste**

**“[http://blogs.diariodonordeste.com.br/zonanorte/sobral\\_/...](http://blogs.diariodonordeste.com.br/zonanorte/sobral_/...)”**

O Museu do Eclipse foi a primeira marcação inventada através das estratégias de políticas públicas culturais para recuperar e reavivar o histórico eclipse solar ocorrido no dia 29 de maio de 1919 e que transformou a física moderna. Sobral foi uma das cidades escolhidas para servir de laboratório das observações de cientistas renomados provenientes de diferentes cidades do planeta, o que exerceu forte impacto simbólico sobre a cidade. O eclipse serviu de vetor e motivou estratégias das políticas públicas para aliar uma temática que remete a um momento histórico global único, à criação de uma tradição local, ou seja, construiu-se a imagem da cidade onde Albert Einstein “comprovou” sua Teoria da Relatividade Geral.

O Museu do Eclipse foi inaugurado no dia 29 de maio de 1999<sup>3</sup>, data comemorativa dos 80 anos do eclipse e, quase de imediato, forneceu benefícios políticos do mais alto nível ao então prefeito Cid Ferreira Gomes (PSDB) e à pasta das políticas culturais, pois teve reconhecimento internacional. Foi uma operação inovadora destinada a criar novos legados patrimoniais no espaço público com o objetivo de fomentar o interesse pelas ciências, principalmente a física, e promover a atividade turística.

O Museu, sobretudo, permitiu construir uma nova imagem cultural para a cidade e fornecer uma cobertura midiática nacional e internacional da gestão Cid Gomes, tanto através de reportagens impressas e audiovisuais como através dos diversos livros e artigos sobre a temática amplamente publicados. Cid Gomes ganhou destaque e enaltecimento como figura pública. O Museu do Eclipse, juntamente ao tombamento do Centro Histórico inicia, dessa forma, a transmissão da imagem pessoal e administrativa da gestão do prefeito Cid Gomes, a partir da realização notória desta operação museal.

O peso simbólico do eclipse e o sucesso da construção do museu sobre a imagem pública municipal foram muito bem avaliados e retrabalhados nas administrações posteriores e têm sua continuidade na gestão atual (2017-2020), pois o atual prefeito, Ivo Gomes (PDT), além de irmão de Cid Gomes, é também um aliado político.

Na pós-administração do prefeito Leônidas Cristino (PPS/2005-2008), (PSB/2009-2010) este renunciou ao cargo em seu segundo mandato; assumiu então o seu vice, o advogado e professor Clodoveu Arruda, que no primeiro mandato administrou a cidade até o dia trinta e um

---

<sup>3</sup> O Museu do Eclipse é considerado o único do mundo para comemorar a Teoria Geral da Relatividade.

de dezembro de 2012, quando concorreu à nova eleição obtendo sucesso para o período 2013-2016. Foi nessa segunda gestão que ele deu continuidade ao fortalecimento do simbolismo do eclipse com a ideia de expandir o museu; com isso oficializou-se a construção de mais uma marcação, o Planetário de Sobral (Figura 2), o qual foi alocado junto ao Observatório Astronômico Henrique Morize, instalado no Museu. Ao conjunto deu-se o nome de Centro de Ensino e Divulgação Científica. O Planetário de Sobral foi inaugurado no dia 29 de maio de 2015, como programa alusivo aos 96 anos do eclipse solar.



**Figura 2: Planetário de Sobral, primeira extensão do Museu do Eclipse.  
Fonte: R. F. Aragão, 2017.**

Os compromissos com o tratamento dado ao eclipse sobralense na atual administração conduzida por Ivo Ferreira Gomes (2017-2020), irmão de Cid Gomes, são renovados e ampliados. Seu raio de ação no espaço urbano, no que se refere tanto ao simbólico quanto ao contexto do espaço físico de visibilidade atualmente restrito ao quadrilátero da praça da Igreja do Patrocínio, segue nova estratégia com a futura construção de uma nova marcação: o Monumento da Luz (Figura 3), marco arquitetônico já definido por concurso em nível nacional. Uma

marcação centenária como novo legado patrimonial em alusão aos experimentos realizados em 29 de maio de 1919.



**Figura 3: Projeto vencedor do concurso Monumento da Luz 100 anos do eclipse e segunda extensão do Complexo Museu do Eclipse.  
Fonte: Prefeitura Municipal de Sobral.**

O Monumento da Luz será a materialização do centenário do eclipse sobralense a ocorrer em maio de 2019 (Figura 4). Será o resultado final de um conjunto de atividades que serão organizadas para o “Ano Municipal das Ciências”, cuja abertura ocorreu no dia 29 de maio de 2018. Palestras, mesas redondas, congresso Internacional de Ciência fazem parte do pré-evento que está em andamento em nível nacional até a chegada do evento principal.



**Figura 4: Convite da Prefeitura de Sobral para a celebração do centenário do eclipse.**  
**Fonte: Prefeitura Municipal de Sobral.**

A estratégia comunicacional da futura marcação Monumento da Luz põe em ação e reacende o simbolismo e o imaginário da cultura política da família Ferreira Gomes, evocando indiretamente seus familiares e o poder que eles exercem sobre a cidade. A localização exata dessa marcação, que sai do domínio da Praça do Patrocínio, será em terreno público entre o início da urbanização da Margem Esquerda e da ponte denominada oficialmente de José Euclides Ferreira Gomes Júnior, irmão de Cid e Ivo Ferreira Gomes, e instituída em Lei N° 170, de 4 de maio de 1998. José Euclides também foi homenageado oficialmente com o nome do Paço Municipal. A ponte José Euclides é uma das entradas principais da cidade e oferece uma visão direta, estratégica e privilegiada do novo monumento e de toda a parte urbanizada do rio Acaraú, onde se encontra também o Museu Madi.

A segunda operação de política pública cultural também foi posicionada para o seu ineditismo no espaço urbano agora em nível nacional já que o Museu do Eclipse é considerado marcação única em nível global. Porém, a intenção foi a de ascender a cultura sobralense a patamares internacionais de visibilidade, já que foi o município de Sobral o primeiro e único representante do movimento MADI no Brasil. A idealização e implantação da marcação Museu

Madi ocorreu ainda na primeira administração do prefeito Cid Ferreira Gomes e concretizada na administração de Leônidas Cristino. O Museu Madi (Figura 5) integra o que se pode considerar a maior obra de impacto urbano visual de Sobral, que foi a urbanização da margem esquerda do rio Acaraú, a qual faz parte de uma rede de transformações no espaço urbano citadino. Dentro desta rede estão a requalificação do Boulevard do Arco Nossa Senhora de Fátima e a urbanização do Parque da Cidade, obras conduzidas de modo a causar impacto visual viabilizado através do *city marketing*. A partir da administração Cid Gomes abriu-se espaço para o ambicioso projeto de requalificação urbana de Sobral com o objetivo de modernizá-la.



**Figura 5: Museu MADI após reforma às margens do espelho d'água do rio Acaraú.  
Fonte: R. F. Aragão, 2018.**

A urbanização da margem esquerda do rio Acaraú foi finalizada e inaugurada oficialmente no mês de maio de 2004. Foi considerada uma obra de grande envergadura, dadas as dificuldades, por exigir uma engenharia que exerceria diversos impactos no leito do rio. Teve como objetivos fornecer qualidade ambiental para o lazer, o paisagismo e a urbanidade, já que a área escolhida se encontrava em acelerado estado de degradação ambiental.

O projeto de urbanização buscou inspiração para sua consecução no projeto de revitalização do rio Sena em Paris. A urbanização transformou a margem esquerda do rio Acaraú

em um complexo composto por estacionamentos, ciclovia, espelho d'água com ancoradouro, campo de futebol e quadras de lazer, ilhas de repouso, mirante e ambiente cultural, com a construção de biblioteca inaugurada em novembro de 2005.

A construção do Museu Madi teve início no ano de 2004, quando ocorreu a mostra cultural denominada Linha da Ribeira, logo no ano de inauguração da urbanização, daí o nome da mostra às margens do rio Acaraú. Já a ideia de construção do Museu foi inspirada pela presença de obras do artista plástico Carmelo Arden Quin<sup>4</sup> (1913-1910) nessa mostra cultural.

Um dos pontos recorrentes, os quais se interam na invenção destas marcações, é a utilização de simbolismos de datas comemorativas oficiais, associando-os a momentos de representatividades festivas. Por exemplo, o Museu Madi foi inaugurado no dia 5 de julho de 2005, dia e mês de comemoração da emancipação política do município. Tal estratégia cria um imaginário forte sobre as representações culturais promovidas pelos agentes públicos, transformando o Museu Madi e seu espaço em “linguagem comunicacional”, pois junto à sua inauguração ocorreram diversos eventos cívico-culturais aos quais se juntaria a inauguração e se justificaria sem conflitos essa nova marcação urbana.

Contudo, os frágeis cálculos de localização e de segurança frente às possibilidades de enchente do rio Acaraú em invernos considerados rigorosos desestabilizaram o sucesso do Museu Madi. Em 2004, quando ainda de sua construção, o museu sofreu seu primeiro impacto originado pela cheia do Rio Acaraú, deixando a estrutura danificada. Em 2009, uma segunda cheia<sup>5</sup>, de proporção muito superior danificou por completo a estrutura quando a deixou quase completamente submersa (Figura 6). No intervalo de 2009 a 2011, o Museu permaneceu em estado de estagnação vindo a transformar-se em um traço espacial causado pelo abandono. Seu acervo foi transferido para a Casa de Cultura de Sobral, onde permanece em exposição.

Em 2011 foi apresentado um novo projeto para o museu, exposto na Casa Cor de Fortaleza, quando foram prometidas ações para sua reconstrução a serem iniciadas no primeiro

---

<sup>4</sup> O movimento MADI (Movimento, Abstração, Dimensão, Invenção) é um movimento cultural de mobilização artística iniciada em 1946, na Argentina, pelo húngaro Gyula Kosice, escultor e poeta radicado naquele País, que propôs, juntamente com o uruguaio Carmelo Arden Quin, reunir, num só espaço, todos os ramos da arte, como desenho, pintura, escultura, música, literatura, teatro, arquitetura, dança e outros (JÚNIOR, 2016).

<sup>5</sup> Esta enchente a qual deixou o museu praticamente submerso repercutiu na imprensa internacional através do canal CNN, já que a maioria das obras são de artistas internacionais, as quais foram doadas.

semestre de 2012<sup>6</sup>. O novo projeto teve como objetivo aproveitar a estrutura anterior promovendo sua expansão com a adição de mais um pavimento onde seria ampliada a área de exposição e a inserção de uma nova cobertura. Somado a isso, previu-se a criação de um espaço direcionado ao desenvolvimento de ações educativas.



**Figura 6: Urbanização da Margem Esquerda submersa e Museu Madi ao centro.**  
**Fonte: R. F. Aragão, 2009.**

Durante sete anos o Museu Madi ficou fechado e foi reinaugurado em 2016. Após pequeno incêndio ocorrido no dia 4 de janeiro de 2019, o museu reabriu suas portas para visitas no dia 14 de março. O surpreendente impacto causado pela cheia de 2009 (Figuras 7 e 8) danificou severamente não somente o Museu Madi como também toda a urbanização da Margem esquerda, a tal ponto que foi necessária a reconstrução total do complexo.

As duas marcações espaciais museiais aqui estudadas simbolizam a transformação cultural na cidade de Sobral e seus desdobramentos a partir dos anos 1990 até a atualidade.

---

<sup>6</sup> Por algum tempo, a Prefeitura da Sobral estudou a transferência do Museu Madi para outro local por causa das previsões de inundações do rio Acaraú, o que inviabilizava seu funcionamento além dos prejuízos econômicos provocados.

Representam o desfecho de como um grupo político e familiar iniciado por Cid Ferreira Gomes administra a pasta cultural garantindo seu êxito. Êxito responsável por garantir-lhe as eleições para o governo do Estado (PSB) no período de 2006 a 2010.

Estas marcações espaciais urbanas Museu do Eclipse e o Museu Madi foram programadas para se transformarem em produtos de uma nova cultura cidadina e vetores de impulsão da imagem pública; museus inventados como proposta simbólica de uma cultura erudita global adaptada à sociedade local. Esta dimensão cultural desejou abrir uma outra fase da administração, a de ampliar os valores do simbolismo do eruditismo científico-cultural em diferentes escalas. Porém, trata-se de uma questão voluntarista privilegiando a matriz institucional, tendo como atores principais os administradores públicos. Portanto, visibilidade, existência e posicionamento social são os objetivos dos grupos políticos envolvidos na invenção dessas marcações no espaço urbano de Sobral e dos novos referenciais simbólicos a elas associados.



**Figura 7: Detalhe do Museu MADI invadido pela enchente do rio Acaraú em 2009.**  
**Fonte: R. F. Aragão, 2009.**



**Figura 8: Museu Madi e Margem Esquerda após o rio Acaraú voltar ao seu leito normal.  
Fonte: R. F. Aragão, 2009.**

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apoiando-se sobre estas duas marcações espaciais conduzidas por um mesmo grupo político – em parte familiar - o qual inicia suas administrações com o discurso da importância da simbologia do eruditismo cultural para o empreendedorismo da cidade, podemos melhor compreender como novas marcações como legados patrimoniais são construídas.

O procedimento de reconhecimento pelo município sobralense de uma nova política cultural e também turística desembocou em uma leitura patrimonial única em níveis local, regional, nacional e mundial. A ideia de transformar estes novos patrimônios de simbologia global e seus respectivos lugares em patrimônios de simbologia local está estritamente associada à simbologia administrativa atuante há quase duas décadas. A arquitetura museal foi integrada a uma concepção regalista pois se presta em manter o espírito da simbologia do eruditismo cultural de uma elite política que vê nestas marcações a essência de seus princípios de homens preocupados historicamente com a cultura.

Resta aprofundar-se sobre como a população em geral expressa suas preocupações sobre tais empreendimentos. A se saber, por exemplo, como percebe socialmente estas marcações reduzidas a categorias pensadas a partir de ações diretamente administrativas. Saber, particularmente, se estas intervenções estão atentas às questões sociais locais.

O que se pode levantar seguramente é que tais marcações politicamente inventadas foram trabalhadas a fim de manter ou de religar-se ao passado glorioso da cidade cultural, como resultado das ações de homens cujo eruditismo contribuiu para a construção da imagem da cidade. Ora, a patrimonialização, ou seja, a manutenção, preservação e cuidados com o passado e a construção de novos patrimônios não é estritamente política, é um processo social local mesmo sendo orientada em direção a ideologias globais de cultura. É preciso estarem presentes as populações locais, pois cada um tem seus interesses e concepções particulares de patrimônio.

O que vimos é que, o município, ao adotar posturas globalistas da cultura, distorce a realidade espacial, pois participa de uma concepção não popular e local da noção de patrimônio. Nisso, passa-se a considerar o patrimônio um instrumento de reconhecimento político. Para os habitantes, as coisas são mais complexas na medida em que sua mobilização não é a mesma do Estado e pode ser que eles não tenham uma concepção global de cultura e/ou patrimônio e de acordo com seus interesses. Desta forma, é importante também compreender que tais monumentos “têm um papel fundamental na criação e permanência de determinadas paisagens urbanas, impregnando de valores estéticos e simbólicos.” (CORRÊA, 2005, p. 15).

Desta forma, existem similaridades entre as duas marcações estudadas, elas poderão transformar-se em marcações passageiras se não estiverem voltadas permanentemente ao uso social local. Custos de manutenção e estratégias de localização são fatores impeditivos quando tomados de formas equivocadas, como é o caso do Museu Madi e do monumento do centenário do eclipse solar a ser instalado, os quais, sem uso, poderão se transformar em traço caso uma nova tragédia hídrica se repita. Assim, conforme a população é inscrita no uso e no investimento coletivo é que se pode pensar em novas marcações patrimoniais e transformá-las em legados patrimoniais sociais.

A marcação patrimonial de essência institucional, isto é, inspirada e produzida pelo poder público municipal, é acompanhada de uma transformação semântica e simbólica, uma paisagem linguagem a ser lida e interpretada de formas diversas (DUNCAN, 2004). Arquiteturas

museais *sui generes* como o Complexo Museu do Eclipse e o Museu Madi no espaço urbanos são representações e imagens da elite política e postas a parecerem à altura de sua erudição cultural.

## REFERÊNCIAS

BESSE, Jean-Marc. **O gosto do mundo**: exercícios de paisagem. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014.

BONNEMAISON, Joël. Le territoire enchanté: croyances et territorialités em Mélanésie. In: **Géographie et cultures**, n.03, automne, 1992. P. 71-89. Disponível em: <[http://horizon.documentation.ird.fr/exldoc/pleins\\_textes/pleins\\_textes\\_5/b\\_fdi\\_3132/36034.pdf](http://horizon.documentation.ird.fr/exldoc/pleins_textes/pleins_textes_5/b_fdi_3132/36034.pdf)>. Acesso em 27 abr. 2012.

BONNEMAISON, Joël. Viagem em torno do território. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Orgs.). **Geografia cultural**: um século (3). Rio de Janeiro: EdUERJ, 2002. P. 83-132.

BULOT, Thierry; VESCHAMBRE, Vincent. Sociolinguistique urbaine et géographie sociale: heterogeneité des langues et des espaces. In: **ESO – Espaces et Sociétés**, juillet, 2008. P. 1-19. Disponível em: <<http://eso.cnrs.fr/IMG/pdf/bt.pdf>>. Acesso em: 27 abr. 2012.

COELHO NETO, José Clodoveu de Arruda. Sobral: Patrimônio Histórico-Cultural Nacional. In: **SANARE – Revista Sobralense de Políticas Públicas**, v.2, n. 3, 2000. P. 42-45. Disponível em: <<https://sanare.emnuvens.com.br/sanare/article/view/71>>. Acesso em: 11 mar. 2018.

CORRÊA, Roberto Lobato. Monumentos, política e espaço. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato (orgs.). **Geografia**: temas sobre cultura e espaço. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2005. p. 9-42.

DUNCAN, James S. A paisagem como sistema de criação de signos. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (orgs.). **Paisagens, textos e identidade**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004. p. 91-132.

JÚNIOR, Marcelino. Sobral reinaugura o Museu Madi após anos fechados. In: **Jornal O POVO**, caderno região, 31 de dezembro de 2016. Disponível em: <<https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/editorias/regiao/sobral-reinaugura-o-museu-madi-apos-anos-fechado-1.1678845>>. Acesso em: 13 de mar. 2019.

VESCHAMBRE, Vincent. Appropriation et marquage symbolique de l'espace: quelques éléments de réflexion. **ESO – Espaces géographiques et Société – UMR 6590 CNRS.N° 21**, mars 2004. P. 73-77. Disponível em:

<[http://eso.cnrs.fr/TELECHARGEMENTS/revue/ESO\\_21/veschambre.pdf](http://eso.cnrs.fr/TELECHARGEMENTS/revue/ESO_21/veschambre.pdf)>. Acesso em: 8 fev. 2011.

VESCHAMBRE, Vincent. Introduction: autour du patrimoine et de la mémoire: des enjeux d'appropriation et de marquage de l'espace In: VESCHAMBRE, Vincent. **Traces et mémoires urbaines - Enjeux sociaux de la patrimonialisation et de la démolition**. Editeur: PU Rennes, 2008. P. 7-15. Disponível em:<[http://www.pur-editions.fr/couvertures/1221573149\\_doc.pdf](http://www.pur-editions.fr/couvertures/1221573149_doc.pdf)>. Acesso em: 15 mar. 2010.

**Enviado em 19/04/2019**

**Aceito em 25/10/2019**